

**A ESCOLA DO JOVEM CAMPONÊS: EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA JOVENS DE BELO JARDIM (PE)****LA ESCUELA DEL JOVEN CAMPESINO: EXPERIENCIAS DE EDUCACIÓN CAMPESINA PARA JÓVENES DE BELO JARDIM****ALCÂNTARA, Maria Eugênia**

Instituto Federal de Pernambuco; eugeniatomlinson.11@gmail.com

**CABRAL, Raquel de Oliveira**

Instituto Federal de Pernambuco; raquel.cabral@belojardim.ifpe.edu.br

**CALDAS, Mayk Charles**

Instituto Federal de Pernambuco; mayk.caldas@belojardim.ifpe.edu.br

**CAVALCANTI, David Henrique**

Universidade Federal da Paraíba; felipehard18@gmail.com

**CÍCERO, Gabriel**

Instituto Federal de Pernambuco; 20171iibj0096@gmail.com

**JOSÉ JÚNIOR, Pedro**

Instituto Federal de Pernambuco; pedro.junior@belojardim.ifpe.edu.br

**PEREIRA, André Luís Gonçalves**

Instituto Federal de Pernambuco; andre.pereira@belojardim.ifpe.edu.br

**RAMOS, José**

Instituto Federal de Pernambuco; jose.ramos@belojardim.ifpe.edu.br

**RAYSSA, Samara**

Instituto Federal de Pernambuco; rayssasamara22@gmail.com

**TORRES, Mateus**

Instituto Federal de Pernambuco; mateustorress.720@gmail.com

**Resumo**

A Escola do Jovem Camponês foi uma experiência para integrar conhecimentos diversos, tradicionais e formais, e teve como foco jovens de sete comunidades rurais de Belo Jardim, cidade localizada no semiárido pernambucano. Nestas comunidades, destacam-se a agricultura de subsistência e a produção de um incipiente artesanato, sendo uma renda bastante importante nas mesmas a aposentadoria dos trabalhadores rurais e os benefícios sociais estatais. A Escola consistiu em encontros mensais realizados no IFPE Campus Belo Jardim além de um encontro no Quilombo Barro Branco onde foram desenvolvidos oficinas e minicursos de Língua Portuguesa, Conhecimentos Agrícolas e Agroindustriais, Informática e Língua Espanhola para jovens estudantes em escolas públicas. Estes jovens tiveram a função de compartilhar os conhecimentos aprendidos para as comunidades onde moram. Esta iniciativa procura se inspirar nos princípios da escola integral e na pedagogia da alternância.

**Palavras-chave:** Escola do Jovem Camponês. IFPE Belo Jardim. Escola Integral. Alternância.

## Resumen

La Escuela del Joven Campesino fue há experiencia para integrar conocimientos distintos, tradicionales y formales y su eje son jóvenes de siete comunidades rurales de *Belo Jardim*, ciudad ubicada há el semiárido de Pernambuco. Há estas comunidades se destacan la agricultura de 123lternância123 y há 123lternâ produção de 123lternânc, há las mismas es há importante fuente de renta la jubilación de los campesinos y los 123lternânci sociales estatales. La Escuela se realizaba a través de encuentros mensuales há *IFPE Campus Belo Jardim* y há el Quilombo Barro Branco (há encuentro) donde fueron desarrollados talleres y cursos de lengua española, conocimientos agrícolas y agroindustriales, informática y lengua portuguesa para jóvenes estudiantes de escuelas públicas. Estos jóvenes eran responsables por compartir los conocimientos a las comunidades donde viven. Esta iniciativa busca inspiración há los 123lternânci de la escuela campesina y há la 123lternânc de la 123lternância.

**Palabras-clave:** Escuela del joven campesino. IFPE Belo Jardim. Escuela Integral. Alternancia.

## 1 Introdução

Na zona rural do município de Belo Jardim vivem, segundo dados do último recenseamento (IBGE, 2010), um total de 14.199 pessoas. A maioria desta população é composta de pequenos produtores dedicados a lavouras de subsistência.

No ano de 2016 foi criada a COMRURAL IFPE, uma comissão de integração entre o Campus Belo Jardim e as entidades camponesas do município. Esta iniciativa, em conjunto com o Projeto de Extensão intitulado “O IFPE promovendo a formação integral dos trabalhadores rurais”, foi decisiva para a oferta de cursos e oficinas diversas, relacionadas a conhecimentos de língua portuguesa e técnicas agrícolas e agroindustriais. Definitivamente, a comissão fez o Campus dialogar com os camponeses e estes serem protagonistas de diferentes ações do Instituto.

Em consonância com esta integração do nosso Campus com as entidades camponesas, entendemos que devíamos alargar nossos horizontes de atuação na zona rural do município, tendo como foco a sua juventude, a qual muitas vezes deseja uma vida distante das terras de seus pais e familiares por não ver nas mesmas uma condição mínima de satisfazer necessidades materiais.

A “Escola do jovem camponês” ofertou em 2017 e 2018, para jovens camponeses que estavam matriculados na educação básica, conhecimentos científicos agropecuários e agroindustriais ao lado de conhecimentos de língua portuguesa e literatura. Esta Escola foi composta por jovens de sete comunidades rurais de Belo Jardim e consistia em encontros com estes jovens, com duração de oito

horas, onde eram vivenciadas as abordagens previstas através de oficinas, aulas expositivas e seminários.

Os alunos representavam diferentes comunidades e desenvolviam com os moradores de sua comunidade os conhecimentos compartilhados nas aulas da “Escola”, que não consistia em um espaço físico específico e sim no conjunto de discentes, docentes e monitores envolvidos no Projeto. Os encontros do projeto foram desenvolvidos predominantemente no IFPE.

Cerca de 100 estudantes foram envolvidos com as atividades da Escola a cada encontro, que multiplicam, por sua vez, seus conhecimentos para cerca de 10.000 trabalhadores rurais do município.

## **2 Fundamentação Teórica**

Em Belo Jardim, os habitantes da zona rural estão predominantemente envolvidos com a agricultura familiar, cultivando principalmente mandioca, milho, feijão e banana. Há também o cultivo de lavouras irrigadas pela população que habita nas margens das barragens do Bitury, Ipojuca e Tabocas (beterraba, couve-flor, pimentão, tomate, pepino, coentro, alface, cebolinha, etc.) em áreas menores que não ultrapassam a 1,0 há (IBGE, 2006). Em algumas comunidades rurais do município há a produção de materiais têxteis para o polo da “Sulanca” localizado em Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe, duas cidades do agreste Pernambucano.

Vale ressaltar que esta produção voltada para a “Sulanca” é desprovida de qualquer vínculo trabalhista, configurando um elemento de precarização do trabalho em tempos de acumulação flexível. A realidade descrita está de acordo com o que descreve Pérez (2001). Segundo essa autora, as comunidades rurais da América Latina desenvolvem diferentes atividades relacionadas ao artesanato, à agricultura, à pecuária, ao comércio ou aos serviços.

Nossa definição de trabalhador rural é advinda do que afirma Vendramini (2000). Para ela, “trabalhadores rurais ou do campo são os assalariados rurais temporários ou permanentes, meeiros, produtores integrados às agroindústrias, produtores familiares que possuem algum meio de produção [...] ao lado de produtores tecnificados. Esta diversidade está relacionada à integração do meio rural com toda uma cadeia produtiva em menor ou maior intensidade. Na região onde atuamos há a presença de um polo agroindustrial com fábricas de médio porte e a tentativa, ainda

incipiente, de promoção de turismo rural.

Os jovens que vivem nas áreas de assentamentos, quilombo ou em pequenos sítios são os que mais sofrem os efeitos da precariedade das condições de vida nestes locais. É uma parcela da sociedade que, repetindo os índices da juventude camponesa brasileira e pernambucana, chega mais tarde aos bancos escolares, tem maiores índices de reprovação e evasão e dificilmente acessa os estudos de nível superior.

Na escola regular ofertada a esta parcela da população predomina o desconhecimento e a não valorização das problemáticas relacionadas aos camponeses como parte de uma estratégia apresentada a nível nacional. As escolas localizadas na zona rural são mais precárias que as existentes na zona urbana e sofrem a constante ameaça de fechamento. Quando deseja cursar o ensino médio, os jovens da zona rural precisam deslocar-se até a sede do município e este deslocamento é constantemente impossibilitado pela inexistência efetiva de transporte.

Segundo De Castro (2009, p.185) “os processos de exclusão daqueles identificados como jovens são complexos e envolvem a intercessão de questões de classe social, gênero, raça, etnia, sexualidade e, como veremos, o lugar aonde se vive”. A juventude é a parcela mais atingida pelas dificuldades objetivas de sobrevivência no meio rural e é, como assinalamos, frequentemente a fração dos camponeses mais desejosa de abandonar o campo em busca de emprego e moradia na sede do município, em cidades maiores da própria região ou mesmo no Recife.

Acreditamos que é necessário existir uma maior atenção às regiões rurais ao mesmo tempo que dialeticamente defendemos que é preciso superar a falsa dicotomia campo/cidade ou produção agrícola/produção industrial, visto que a permanência desta dissociação somente serve aos interesses do capital (RIBEIRO, 2013). Caldart (2004) defende que o ser humano precisa de raízes e somente começa a produzi-las ao participar de um espaço coletivo em que possa cada vez mais ser educado por essa coletividade.

Desta forma, A “Escola do Jovem Camponês” visa enfrentar esta realidade qualificando o jovem para o trabalho no campo e dando efetivamente oportunidade de novos saberes relacionados a sua vivência de trabalhador rural. Nesta Escola, os saberes agropecuários, agroindustriais e linguísticos são interligados, já que acreditamos na formação integral do homem e defendemos que a separação entre os

que “pensam” e os que trabalham manualmente é uma característica do sistema capitalista que deve ser superada, ainda que tenhamos produção agrícola como ponto inicial, utilizando tanto as características específicas da agricultura como o uso de vários instrumentos motrizes e de transformação (PISTRAK, 2015).

Conseqüentemente, na Escola não estávamos nos limitando a ofertar formação para o trabalho, mas buscando que os jovens compreendam o processo de produção e organização do trabalho. Para isso não basta apenas conhecer algumas técnicas ou aprender o correto manuseio de um equipamento ou a operação de um instrumento, mas sim compreender a estrutura social e como está se relaciona com a atividade de produção (GADOTTI, 1984).

O estudo da língua portuguesa nos pareceu um grande integrante do Projeto, já que, frequentemente em nossas escolas, há uma grande carga de preconceito contra os jovens camponeses em relação a suas variedades dialetais. “Falar bem” em nosso preconceituoso país sempre significou um “falar estranho” a nossa gente e a nossa cultura, por isso, é de grande urgência acabar com o abismo e a estigmatização que sofrem os habitantes da zona rural ao falarem suas variedades (LEITÃO, 2007).

Acreditamos que tendo acesso a conhecimentos diversos por meio da Escola, os jovens camponeses tiveram meios efetivos de acessar formas alternativas de melhorar sua renda. Estas formas podem se apresentar de diferentes maneiras como por exemplo: o prosseguimento dos estudos, o desenvolver de técnicas que otimizem a produção em suas pequenas propriedades, o incentivo ao cooperativismo e ao associativismo e a luta junto às instâncias governamentais por melhores condições de vida. Não podemos esquecer que, apesar da escola ser direcionada aos jovens camponeses, os impactos de sua implementação são sentidos diretamente por toda a comunidade dos mesmos.

### **3 Metodologia/ Materiais e Métodos**

A Escola do Jovem Camponês ofertou cursos e oficinas aos alunos camponeses de Belo Jardim, sendo uma preocupação da ação envolver as entidades do município na iniciativa. Por este motivo, no mês de fevereiro de 2017 os monitores e o coordenador da Escola participaram de reunião no Conselho de Desenvolvimento Rural da cidade para apresentar nossas ideias e responsabilizar as comunidades pelo envio de jovens aos nossos encontros. Apesar da excelente receptividade à iniciativa,

nem todas as comunidades enviaram jovens aos encontros, por diferentes razões. Importante frisar que toda a Escola foi financiada pelo IFPE, notadamente o transporte dos alunos e o almoço dos mesmos.

Era a intenção inicial ofertar os cursos relacionados as especialidades dos professores colaboradores e dos monitores (Literatura, Agropecuária e Agroindústria), do coordenador (Língua Portuguesa e Língua Espanhola). Com o decorrer dos encontros, diferentes turmas regulares do IFPE e outros setores da sociedade abraçaram a Escola, o que levou a Informática a ser um dos conteúdos abordados, assim como a Música e o Teatro.

Cada encontro era iniciado às 8h e tinha seu término às 16h. A preocupação maior era não sobrecarregar os estudantes com informações e também trabalhar com eles conteúdos e aspectos relacionados a sua vida. Depois de três encontros, percebeu-se a necessidade de um maior protagonismo destes jovens e por isso foi criado o Conselho de Representantes da Escola do Jovem camponês, que se reunia a cada encontro para avaliar as atividades realizadas e planejar os próximos passos.

Dentro da inspiração na metodologia da alternância, os jovens eram encorajados a compartilharem os conhecimentos em suas comunidades, em encontros realizados em conjunto com a associação rural da localidade, atuando assim de forma decisiva no território.

#### **4 Resultados e Discussão**

A Escola sempre se preocupou com o envolvimento dos jovens vinculados ao ensino básico e moradores efetivos de comunidades rurais, mesmo que saibamos que ser um jovem trabalhador rural não significa necessariamente trabalhar com a terra, com a agricultura, pois o conceito do que é rural, do que é do campo é um conceito mais amplo.

No ano de 2017, dos jovens envolvidos, a maioria (14) foram concluintes do ensino fundamental. Esta etapa da educação básica também é a que mais teve representantes dentro da Escola (31 alunos ou 64,5 % do total). Esta realidade nos traz duas conclusões: a primeira é que estamos trabalhando predominantemente com um potencial público para os cursos do ensino médio integrado do IFPE. A segunda é que é um público com um amadurecimento escolar e experiências educativas diferentes dos que são alunos regulares de nossa Instituição. Somente 16 alunos

curtam ensino médio (33,3% do total) nas modalidades regulares (15) e EJA (1).

Nesta conjuntura seria necessária uma efetiva articulação com as escolas de origem destes estudantes, para o efetivo intercâmbio de conhecimentos entre as redes e para a resolução de alguns entraves diários (alunos que não compareciam as atividades por estarem envolvidos com tarefas escolares ou com aulas nas escolas regulares). Essa articulação efetiva foi um desafio no decorrer da Escola, já que os jovens estão espalhados por 12 unidades educacionais municipais e estaduais.

Quando analisamos a origem dos estudantes matriculados na Escola, mas que não necessariamente participaram de todas as atividades ou completaram o curso, observamos que o Quilombo Barro Branco foi a comunidade mais presente, com 15 estudantes, e a seguir vem a Comunidade Lagoa da Chave com 11 matriculados. Importante ressaltar que a efetiva participação das lideranças comunitárias destas localidades na articulação dos jovens foi um fator fundamental para esses números. O Assentamento Eliete, com suas lideranças também extremamente envolvidas, teve um número de matriculados aparentemente baixo (5) fator que pode ser explicado pelo reduzido número de jovens na comunidade.

No primeiro encontro, realizado em março de 2017, houve aula de informática básica ministrada pelos alunos do curso subsequente, ocorrendo em seguida uma oficina de alimentos ministrado pelas extensionistas, além de uma aula de língua portuguesa ministrada pelo coordenador do Projeto. Este encontro foi iniciado por falas da direção geral, direção de desenvolvimento de ensino e coordenação de extensão do Campus, além da intervenção da representante da Proext. Como foi o encontro inicial, houve a preocupação de fazer os estudantes conhecerem os diferentes espaços do Campus e os “guias” foram os nossos extensionistas. A partir daí tivemos ainda outros encontros, como veremos a seguir.

O segundo encontro foi iniciado com uma oficina sobre poesia, em que um dos professores colaboradores recitou vários poemas aos alunos. Em seguida, houve oficina de cocada de doce de leite e cocada de leite condensado com as extensionistas e também oficina de avicultura. No período da tarde, houve oficina de informática básica ministrada pelos alunos do curso subsequente. No final das atividades fizemos uma avaliação coletiva do percurso da Escola.

No terceiro encontro, as atividades foram iniciadas no setor de onde um docente colaborador ministrou uma oficina sobre saneantes com fabricação de sabão, água sanitária e desinfetante. Na parte da tarde foi ministrada oficina de informática

por alunos do Campus. Importante ressaltar que neste mês, antes do terceiro encontro, nos reunimos com representantes das associações envolvidas com a Escola para debater os impactos da mesma nas comunidades e questões burocráticas diversas. Também neste mês instituímos o conselho de representantes da Escola do Jovem Camponês, envolvendo dois representantes de cada comunidade, escolhidos pelos estudantes e que começaram a organizar reuniões mensais. Com este conselho, houve um salto de qualidade na Escola, pois fortalecemos os jovens discentes. Sendo assim, as discussões e encaminhamentos que travávamos diretamente com as associações locais passaram a ser feitas junto aos estudantes, fortalecendo seu protagonismo na comunidade e sua participação nas próprias associações.

No quarto encontro, foi promovida uma oficina sobre saneantes com fabricação de água sanitária e desinfetante por toda a manhã. Na parte da tarde houve a apresentação da peça teatral "*Alguém pra fugir comigo*" do Grupo Resta Um de Teatro do Recife. Tal apresentação ocorreu ao ar livre para os alunos, que majoritariamente nunca tinham visto tal tipo de espetáculo. O texto abordava vários aspectos sobre opressões cotidianas e foi acompanhado atentamente pelo público. Muitos estudantes choraram durante toda a apresentação. No debate que precedeu a apresentação, envolvendo o público e a equipe de artistas, os depoimentos foram emocionados e muitos relataram a identificação plena com os assuntos abordados.

Quinto Encontro: Ao chegarem ao IFPE os alunos tiveram oficina de manejo de suínos ministrado por alunos do curso integrado de agropecuária, onde aprenderam a pesagem, o número de lote, o corte marcação na orelha, manejo, gestação e amamentação destes animais. Após esta oficina, houve um minicurso sobre PANCS (Plantas Alimentícias Não Convencionais), com os alunos do curso integrado de agroindústria. Na parte da tarde houve minicurso com extensionistas sobre salada de frutas. Cada fruta foi trazida de uma comunidade diferente. Encerrando os trabalhos do dia o professor coordenador ministrou uma oficina de língua espanhola.

O sexto encontro, de acordo com deliberação do Conselho de Representantes, foi realizado na Comunidade Quilombo Barro Branco e teve uma participação intensa de cerca de 20 estudantes regulares do IFPE, dos cursos integrados e subsequentes de agropecuária e agroindústria. Os alunos do curso subsequente de agroindústria ministraram uma oficina sobre confecções de doces e os alunos do curso integrado

de agropecuária ministraram um minicurso sobre agricultura orgânica. Neste encontro tivemos uma significativa participação de vários membros do Quilombo.

O sétimo encontro, realizado em novembro, foi o último encontro da Escola em 2017. Foi iniciado com uma oficina de saneantes ministrada por um professor colaborador. Na parte da tarde foi ministrada uma oficina sobre plantio de mudas típicas da caatinga por alunos do curso integrado de agropecuária e por um técnico de nossa instituição. Finalizou-se o dia com a entrega dos certificados aos jovens camponeses ao som dos alunos do curso superior de Licenciatura em Música.

A partir do segundo encontro sempre reservamos um espaço de tempo para que houvesse a socialização dos repasses nas comunidades. Percebemos que em algumas comunidades o repasse era pontual e ocorria junto com as assembleias das associações. Em outras comunidades, os alunos faziam os repasses nas escolas situadas na zona rural e em algumas (felizmente, a minoria delas) os repasses eram esparsos e inconstantes.

No ano de 2018 foram ofertadas quarenta vagas e no primeiro encontro recebemos cinquenta e dois jovens, mas isso não foi problema pois conseguimos atender a essa demanda. Com o passar dos encontros, infelizmente, o número de alunos foi caindo, ficando na faixa de vinte e cinco alunos por encontros. Esse número sempre oscilou e, mesmo assim, os discentes camponeses sempre tiveram um bom desempenho e conseguimos sempre compartilhar todos os ensinamentos para os mesmos e assim conseguir realizar os repasses para as suas comunidades de forma mais fácil.

Das comunidades que fizeram parte do projeto em 2018, dez alunos são do Quilombo Barro Branco, do Sítio Rodrigues são cinco alunos, da Lagoa da Chave tivemos quatro e do Sítio Boi Manso, seis. Estes foram os alunos que continuaram no projeto até a diplomação. Dezesete alunos conseguiram receber o seu diploma da Escola do Jovem Camponês. Esses jovens também estudam em suas escolas regulares, onde uma parte deles está terminando o ensino médio e uma pequena parte o ensino fundamental.

Contamos também com duas mulheres adultas que já terminaram os seus estudos, mas relatam que o projeto também foi de grande importância para as mesmas, tanto para o crescimento pessoal como o profissional. E afirmam também que as técnicas são aprendidas sendo colocadas em prática nas suas vivências diárias, como, por exemplo, a produção de saneantes que as mesmas fazem em suas

comunidades e com isso geram um retorno financeiro.

Durante o ano, as atividades que foram feitas surtiram um grande efeito nas comunidades e nas vidas dos jovens camponeses, pois os conhecimentos compartilhados auxiliaram várias famílias. Tudo o que é compartilhado na Escola também é repassado para que todas as comunidades aprendam.

Muitos jovens se inscreveram para prestar vestibular e ingressar no Campus IFPE de Belo Jardim, por se identificarem com os cursos a partir do contato com o Campus a partir do Projeto. Importante ressaltar que neste ano, pela primeira vez, tivemos oficinas e minicursos na área de saúde, o que era uma reivindicação dos discentes camponeses.

## 5 Considerações Finais

Os arranjos produtivos locais, o atendimento às populações marginalizadas e a integração entre ensino-pesquisa-extensão são elementos fundantes do IFPE. Os campi com vocação agrícola, a partir destes elementos, devem ter uma atenção especial direcionada às populações mais marginalizadas econômica e culturalmente.

A Escola do Jovem Camponês foi uma tentativa de fortalecer a relação do IFPE com os povos do campo e efetivar um ensino médio integrado em nossa Instituição. É necessária a avaliação da caminhada para fazer da mesma um projeto piloto que pode ser replicado por diferentes campi e em outras instituições, sempre partindo da articulação com as entidades representativas dos povos do campo.

## Referências

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

DE CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 7, n. 1, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e crise do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez, 1984.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

IBGE. **Censo agropecuário 2006**. 2006. Disponível em : <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=260170>. Acesso em: 2 nov. 2016.

IBGE . **Censo demográfico 2010**. 2010. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=260170&idtema=1&search=pernambuco|belo-jardim|censo-demografico-2010:-sinopse> Acesso em: 23 set. 2016.

KUENZER, Acácia. **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2005.

LEITÃO, Luiz Ricardo. **O campo e a cidade na literatura brasileira**. Veranópolis: ITERRA, 2007.

PÉREZ. Edelmira C. Hacia una nueva visión de lo rural. *In*: GIARRACA, Norma (org.). **Uma nueva realidad en América Larina**. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

PISTRAK, Moisey. **Ensaio sobre a escola politécnica**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês trabalho e educação, liberdade, autonomia, emancipação**: princípios/fins da formação humana. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

VENDRAMINI, Célia. Terra, Trabalho e Educação. **Experiências educativas em assentamentos do MST**. Ijuí: Unijuí, 2000.

Recebido em 31/05/20.

Aprovado em 27/12/20.

Publicado em 22/02/21.